



Gaiato

2 DE MAIO DE 1970
ANO XXVII — N.º 682 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

DOCTRINA

QUE falta no mundo é a Humildade.

Os homens, muito cheios de si, (pior quando se atribuem carismas!) têm tendência para julgar tudo e todos e resistem pouco e mal à tentação. Julgam factos... E julgam também intenções, com a sem-cerimónia de quem lêsse nos corações dos outros, como se tal fôsse um dom ordinário. Senhores absolutos da sua certeza, do seu critério, (também os do «século futuro») falam no tom medieval de «quem diz o contrário, mente» — tradução livre, mas cremos que fiel, do «magister dixit».

Só há um Mestre e Senhor. Esse, sim, lê nos corações dos homens. Para Ele tudo é transparência, nada é escondido nem se Lhe pode esconder. Ele, «manso e humilde de coração», Dono absoluto da Verdade, porque Ele próprio é a Verdade, o Justo de Deus, Fonte do Amor sem compromisso de pecado, mensageiro da Paz, que nos deu por herança — Ele só foi duro para os presunçosos de sua virtude; para os de coração contrito e humilhado, ainda que grandes pecadores, foi todo misericórdia e perdão.

Só a Ele se pode univocamente referir o que Ele disse em referência a Si mesmo: «Quem não é por Mim, é contra Mim».

Só Ele é o «Sinal da Contradição». As ideias dos homens, os seus planos, por mais puras que sejam as suas intenções, sempre hão de conter contradição. Ele é o «contraste» da Verdade, a prova de fogo que revela o ouro e o liberta das suas impurezas. No homem, em todo o Bem há o seu quê de mal e em todo

o mal o seu quê de Bem, ao menos em aparência que pode ser sinceramente achada. Difícil é o equilíbrio, a estabilidade no seio de correntes que justamen e devem levar consigo e renovar muitos acidentes, sem perturbarem a essência do que Deus fez, que é perenidade.

Essencial é o Amor. Desde o que estreitou e fecundou a união dos Primeiros Pais ao primeiro ciúme, que dividiu Caim e Abel, é constante para o homem a dupla solicitação do Amor e do egoísmo. Este é um amor de si mesmo tornado valor absoluto, circulação sem fecho, que derrama o homem até à exaustão. É a negação do Amor. É uma doença mortífera, como nos previne S. João: «O que não ama é homicida». O Evangelista não o diz expressamente, mas está implícita na sua

Continua na 4.ª página

NÃO tenho escrito nestas colunas — sabes porquê? — A organização das Oficinas como Escola capaz de preparar homens e oficiais tem-me ocupado muito tempo e também muita alma. Uma Obra de Rapazes está sempre em organização e sempre desorganizada. Nós, homens, sofremos a tentação tremenda de nos instalarmos numa orgânica. Nós, padres da rua, devemos vencer esta tentação e capacitar-nos de que a nossa vida terá de ser sempre a pôr ordem na desordem. Pai Américo definiu esta vida como ela é: «uma organização desorganizada». Vencer a desordem sem organização, mas organizando sempre, ensinando os novos a organizar. A Tipografia e a Serralharia têm-me tomado muito tempo e muita alma!



X X X

Tribuna de Coimbra

Quando esta notícia chegar a teus olhos, andamos nós pelas terras do centro a testemunhar a vida de uma Obra que Deus quis para dar vida, Obra que dá vida a uma Juventude que nunca a teria.

As nossas festas são um testemunho de uma juventude resgatada. Resgatada pelo amor de todos aqueles que têm Amor. As nossas Festas são, principalmente, obra de amor.

Por toda a parte onde actuamos há inquietação por um lugar onde se veja tudo e donde se possa atirar rebuçados. Muitos, meses antes, marcam seu bilhete e nunca faltaram.

Ainda não começámos, mas já temos notícia de que há entusiasmo como nos anos anteriores. Com esta confiança dá gosto gastar noites e dias a preparar o programa e seus actores.

Em Coimbra, a Maria Teresa da Casa do Castelo, quando recebeu os bilhetes e a planta da casa, pegou no lápis e riscou, riscou, riscou. Ficou logo quase a casa esgotada. A Maria Teresa tem recebido queixas de muitas pessoas porque só há lugares fracos. Ontem passei por lá. Ouvi, ouvi, ouvi. Dirigi-me ao Teatro Avenida e encontrei à porta, de braços abertos, o Pedro (o Pedrinho, como é conhecido cá em Casa). Pedi-lhe a casa para segunda festa. E assim os conimbricenses terão segunda festa no Teatro Avenida às 18, 30 h. de Domingo 10 de Maio. Já ninguém fica sem festa.

E vamos começar. O programa promete. Deus nos ajude.

Padre Horácio

Este ano não fazemos festas! Muitos dos nossos amigos têm perguntado: — Então quando é a festa? Este ano não há festa?

— Este ano não fazemos festa.

Porquê? Não temos capacidade... Tivemos a gripe. Chegaram a estar de cama 56 rapazes ao mesmo tempo. Veio a papeira. Cai um, cai outro, durante longo tempo acamaram 6, 8, e doze.

A Telescola com primeiro e segundo ano exigem muita presença e muito trabalho. A Escola Primária tem vinte rapazes na 4.ª classe. A Senhora Professora quer levá-los todos a exame.

O médico especialista que examinou ouvidos, nariz e garganta, receitou operação a quarenta e seis deles! Há muito que andamos a organizar as operações. Decidimo-nos. Tem de ser este ano. Sabes o que é ir à consulta; marcar operação, fazer análises, dar as injeções preparatórias, levar os filhos ao hospital, visitá-los, ir buscá-los, e preparar a dieta durante doze dias? Sabes o que isso representa? E quando há outros e outros a requererem cuidado?!...

Com a falta de pessoal para os trabalhos agrícolas e a subida dos salários, nós fomos obrigados a estudar novos processos de cultura e a simplificar as actividades agrícolas de modo que os rapazes as pudessem fazer. O ano passado atrasámos as sementeiras e plantações e sofremos um prejuízo enorme na agricultura. Este ano queremos fazer tudo a tempo. Estão já plantadas pelas mãos deles 50 sacas de batata, alguns milhares de pés de cebolo, de alface e hortaliças; duzentos quilos de milho semeado. Transplantámos árvores, lavrámos e nivelámos terras. Tudo têm sido eles!

As nossas obras não pararam.

Não quero ser dominado pela vida. Quero dominar e contar-te as minhas alegrias e aflições.

Padre Acílio



FESTAS

Coliseu do Porto, 5 de Março. Sala esgotadíssima. Superlotada. Nos bastidores, Bernardino & C.ª sofrem a responsabilidade da estreia. Abre o pano. E começa o espectáculo. Ai está uma imagem da marcha inicial pelo nosso conjunto de Paço de Sousa. Elas são elas. Não haja confusão...

PELAS CASAS DO GAIATO

BENGUELA

Vim por aí abaixo à boleia, tendo partido de Luanda, para dar um saudoso abraço a esta boa rapaziada e para ficar a conhecer a Casa do Gaiato de Benguela.

Acha-se esta nossa aldeia em terreno plano, a uns dois quilómetros a norte de Benguela. A terra é bastante produtiva, sendo a banana, a batata e a cebola o que se cultiva em maior abundância. O subsolo é rico em água. Vários rios e riachos puxam-na para a superfície onde há muito em que se gastar.

Anda-se em obras. É assim em todas as Casas do Gaiato. Constroem-se novos edifícios, restauram-se os antigos.

Há aqui uma avenida que margina à direita, de poente para nascente, o aglomerado das casas. Entre estas, vêem-se cuidados jardins. Para o lado nascente, encontram-se os currais, o galinheiro, as oficinas de serralharia e carpintaria (que também trabalham para fora), os

armazéns, as escolas e a casa-mãe, que é o edifício mais vistoso de todos. Já para poente, vê-se a sapataria, duas bonitas casas para rapazes casados, a capela e um edifício, com extenso pátio todo corrido de colunas, onde estão os dormitórios.

A aldeia é vasta e quase não há bocado de terreno que não esteja aproveitado. Trabalha-se imenso — são mais de cem rapazes para educar no trabalho e no amor de Deus. Todos têm suas ocupações. Todos aprendem. Todos produzem. Todos se alegram por estarem construindo uma aldeia na qual se vive tão alegremente como é costume nas boas famílias.

RETIRO — Tivemos retiro espiritual durante três dias. Vieram rapazes da Casa de Malanje e de lá veio também o senhor Padre Óscar para dirigir nosso retiro. Éramos uns vinte, a passar. Mais habituados durante todo o ano, ou dois, a ligar sobretudo às coisas menos espirituais, fez-nos um imenso bem ficarmos aqueles dias quase a sós com Deus, ao Qual pedimos nos ajudasse a viver corajosamente,

com positivo aproveitamento, a vida que Ele nos oferece.

Orlando da Rocha

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Sempre que haja espaço não dispensamos uma presença singela, sucinta. Os Pobres precisam do alimento indispensável durante os 365 dias do ano. E não só pela Páscoa ou pelo Natal...

Recebemos mui pouco para o Folar! Mas foi distribuído. Porta a Porta. Os Vicentinos chegaram ao fim do dia radiantes. Como radiantes ficaram os Pobres. É certo não saldarmos a despesa com o peditório das Missas de Domingo de Páscoa. Mas Deus supre. E supre de muitas e variadas formas! O pior seria ter

e não distribuir. Soube-nos tão bem o Ofertório Solene em plena Ceia Pascal, no Domingo da Ressurreição! Foi mais rico o Banquete. E maior a participação no Mistério do Corpo Místico de Cristo.

O QUE RECEBEMOS — Uma nota de 100\$00 da Rua Antero de Quental—Porto. E de S. Victor — Braga, um remanescente do pagamento da assinatura. «Os habituais 20\$00 de Fevereiro e Março», de A. F.. De novo o Porto, também com 20\$00, da assinante 5478. Outra presença da assinante 17740. Mais «o óbulo da viúva, como todos os anos faço na ocasião da Páscoa» — 50\$00, de Oeiras. Mais 100\$00 da Rua Leão Oliveira, de Lisboa. O mesmo de Nova Oeiras. Chales de Ordins, oferta de uma Senhora de Lisboa e de «Avó agradecida». «Uma nulidade» com 100\$00 e um desabafo: «Era minha intenção, de há muito, enviar todos os meses uma pequena lembrança. Mas não tenho cumprido... em grande parte por descuido, porque a minha força de vontade é muito fraca ou até nula. É essa a razão porque a minha vida tem sido uma série de fracassos, para não dizer um contínuo fracasso. Pedia, por isso, a esmola de uma breve oração por um grande pecador, que continua sendo o que toda a vida tem sido: indigno de todos os benefícios que pelo Pai Celeste lhe têm sido concedidos». Um Homem. Um Vicentino. Um Cristão! Mais «80\$00 para uma pequena ajuda das amêndoas da Conferência dos nossos Pobres. Desculpai ser pouquinho, mas de momento não me é possível enviar mais». Outra nota de 100\$00, entregue no «Espelho da Moda» e «por alma de Maria». Metade, também de sufrágio, por alma de Dr. José, pela mão da viúva do assinante 6108. Mais 20\$00 de bom amigo e assinante 18223. Finalmente, bolada de 1.500\$00 de uma Senhora que tencionaria construir a Casa «A meus Pais». A importância já aquece estômagos vasilos!

Júlio Mendes

Cantinho da Família

Confortaram-me (e certamente aconteceu o mesmo a todos os que estávamos presentes) as palavras do nosso Bispo de Coimbra na inauguração do novo Lar do Gaiato na sua cidade episcopal. Reflexões simples mas fundamentais, que eu não resisto a transmitir aos que de vós as não escutaram.

Deus é Pai; Deus é Amor — duas definições; os dois pontos de partida.

Deus é Pai. D'Ele, portanto, ninguém é orfão. Isto sabe — e conforme deve sentir e viver — todo o homem que crê em Deus, que Deus é Pai.

É certo que na ordem estabelecida pela Providência, a Paternidade incarna nos homens, efectiva-se por meio deles. E assim toda a paternidade humana deriva da Paternidade divina, autentifica-se no ser uma face Sua. Todo o homem investido no estado de pai, se autoriza e se garante da dignidade devida à missão, na medida em que tomar consciência da origem divina do seu mandato e buscar do Pai das Luzes, a luz com que há-de iluminar os seus filhos, a virtude com que há-de romper (ou antes: começar a romper) o caminho dos seus filhos.

Mas quando falta o pai, ou ele não é digno do estado nem capaz das suas exigências?

Então Deus re-assume a res-

ponsabilidade e de novo confiará a Sua Paternidade a outros homens que a servirão aos «filhos sem pai».

Este é o sentido profundo para vós, Rapazes, e para nós, vossos padres, da vocação a que Deus trouxe Pai Américo e por ele a todos nós, para sermos uma Família nova, ao calor da mesma lareira, ao abrigo do mesmo tecto.

Internados?, asilados?, orfãos?, abandonados? Não. Filhos, simplesmente filhos. Filhos que, mau grado o drama das suas origens, se dispõem do complexo da orfandade ou do abandono, pois que ninguém o é, de verdade, se levantar os corações ao Alto e chamar: Pai. Este manifestar-se-á em resposta e soprará o Seu bafo no coração dos a quem Se comunica: o Amor que Ele-próprio é.

Nem sempre é esta a nossa atitude. Quem dera que fôsse! Só ela determina o arranque para a construção da Família que somos e devemos ser em perfeição crescente, nunca acabada.

Aos «padres da rua» chamou-os Deus para Lhe servirem de especial instrumento de Paternidade. A nossa vocação é um serviço dos Rapazes e dos Doentes, é para uns e outros. Por isso somos vossos, total e indissolúvelmente vossos.

Este carácter específico da nossa vocação sacerdotal, o Sr.

Bispo o mencionou, na «mais visível encarnação da Paternidade de Deus que nestes padres resplandece». E este carácter, sem nos isentar de todos os riscos inerentes à fragilidade humana, dá-nos, todavia, uma segurança psicológica, pela qual muito devemos ao Senhor em generosidade em prol daqueles a quem Ele nos envia. É que somos pais, concreta e consequentemente pais em tudo, menos na geração daqueles que o Pai de todos nós nos entrega. Tantos problemas que hoje se levantam por esse mundo, menos por razões da carne que do psiquismo, nos dizem pouco respeito, na medida em que a nossa vocação sacerdotal nos não desviou da constituição de uma Família, com todos os laços e compromissos reais que uma Família implica.

Em nome de um cristianismo mais autêntico, pretendem muitos uma vida em comunhão com os homens mais desfavorecidos, em condições de luta pela vida como eles. Pois nós a vivemos. Nós, uma Família com cerca de 1000 membros, que recebeu por herança do seu fundador que «a nossa riqueza é a nossa Pobreza». Nossa, não só a Pobreza de cada um dos membros; mas por amor dela e para salvaguarda dela, a Pobreza da Comunidade que somos.

Desde há trinta anos é esta a nossa contestação... E a constatação da validade do nosso caminho, os próprios trinta anos de vida pujante, pelo Amor que Deus é e nos dá, a evidenciam.

Pois que todos nós, membros docentes e discentes da nossa Obra — os para quem Ela é e os que para Ela são — firmados nesta certeza simples mas fundamental, de que Deus é Pai e é Amor, nos integremos e todos nos entreguemos à grande responsabilidade de continuar e de fortalecer a nossa Família.

CALVÁRIO

Caro Amigo: — Quando te dispões a vir até estas bandas, respeitamos e agradecemos a tua presença. Gostamos que tenhas, ao menos, uma pequena noção das nossas necessidades.

Ora, devemos dizer-te algumas coisas a que não virás afeito. Decerto caberá dizer que aqui há de tudo um pouco.

Alguns que nos têm visitado (poucos até esta altura) inconscientemente fomentam males que por terem raízes fundas são morosos de banir. Mas não impossíveis.

Ora, para alertar as pessoas desprevenidas contra a «esmola individual» foi colocada uma singela legenda rica de significado: **Não humilhes o doente com a tua esmola.**

Não se trata de dizer outra coisa... — Simplesmente, o Calvário, neste caso, como toda a Obra da Rua, vive com aquilo que nos vais dando. Portanto, é humano, direi mesmo ser de justiça que tenhamos estas palavras assim para que as possas compreender e guardar...

Quando a tua presença fôr possível, só ou acompanhado, para nos visitares, algo te dirá que temos razões para prevenir...

Dar sim! O que não quer dizer distribuir uns tostões!... Acima de tudo fazer a tua dádiva frutificar dando-a para que a Comunidade possa beneficiar!... Doutra modo será frustrar em vez de ajudar!

ARTESANATO — Para certas pessoas que lerem este parágrafo pensarão que se trata de algo impossível entre aquelas variadas mazelas físicas e morais aqui existentes. Decerto, alguns que me lêem já terão verificado não ser fantasia em afirmar que temos alguns artigos feitos por pessoas, embora doentes, que mostram algum jeito para pequenos trabalhos. Embora não seja para fazer reclame devo dizer aos amigos que venham em viagem de boa vontade e não de... que teremos alguma coisa de útil a mostrar-vos daqueles que a sociedade julgou ser apenas «impecilhos».

Porque aos olhos de Deus todo o ser humano decerto não é medido separadamente. Pelo menos há em nós essa convicção. Porque embora seja tudo contra: doenças das mais variadas; feitiços, etc., havendo vontade, sempre se vão fazendo. E com a vontade também sacrifícios de vária ordem... — Não esqueça pois amigo, mais este conselho: — Não guarde publicidade, procure saber como é! Quem sabe o que Deus terá para vos dizer, no íntimo, aquilo que eu não sei explicar ao mostrar os pequenos trabalhos manuais mais as cadeiras e bancos forrados a sizar?! Contamos e confiamos nos homens de boa vontade... que gostam de estimular!

Manuel Simões

Festas

EM MAIO

DIA 2

às 21,30 h.

Teatro Cine Pombal

DIA 9

às 21,30 h.

Império Cine Teatro Lousã

DIA 10

às 18,30 h.

Teatro Avenida - COIMBRA

Bilhetes à venda na Casa Castelo — Rua da Sofia.

DIA 14

às 18,30 h.

No Monumental — Lisboa

Bilhetes à venda: Franco Gravador — Rua da Vitória, 40. Montepio Geral — Rua do Ouro, 241. Ourivesaria 13 — Rua da Palma, 13.



Filho do Ernesto Augusto, ora em Setúbal.



A gente pega na correspondência. Separa. Regista. Saboreia. Ergue os olhos ao Céu. E fica explosivo! É que não vamos a passo, não. Mas a galope. Quem havia de dizer!

● TENHO PENA

«Tenho pena ser só uma assinatura. Mas penso que esta vale a pena, porque tanto esta Senhora como o Marido são dos que «sabem ler» o Gaiato. Beijos aos pequeninos...»
(O sublinhado é nosso).

Vai logo à frente como estandarte do são critério de todos os devotos da procissão. Tão doce, aquele amargo tenho pena como os beijos aos pequeninos! Só as Mães falam assim!

● SOU VIÚVA E POBRE

Outra legenda:

«Venho mandar mais cinco assinaturas de pessoas amigas e de siso! Peço que me desculpem não mandar mais assinaturas, mas só isto me foi possível. Gostaria de vos ajudar mais e melhor, mas sou viúva e pobre. Deus sabe o que eu faria se pudesse.»

Óbulo da Viúva! O mais rentável. O mais cristão. E o mais Gaiato.

Campanha de assinaturas

● SÓ AGORA FIZ ALGUMA COISA DE ÚTIL

Há gente na Invicta que não olha para trás. Foi sempre assim quando toca a marchar. Basta tocar a sineta. Entre outros, e como representante do velho burgo, damos a palavra a um funcionário bancário. Ora ouçam:

«Junto uma lista com 9 assinantes do nosso estupendo «O Gaiato». Parece mentira, mas é verdade, depois de tantos anos passados como assinante do nosso Jornal, só agora, pela primeira vez, fiz alguma coisa de útil para a vossa e nossa grande Obra. Peço-vos desculpa por tantos anos de preguiça; mas, para o futuro, vou tentar fazer mais alguma coisa. Deus me dê vontade, que bem preciso dela. Todos estes novos assinantes são funcionários do Banco..., eu incluso. Quanto ao pagamento do Jornal, eu próprio me encarregarei de o fazer; tal como eu, pagam o ano todo de uma só vez.

«É costume meu, e porque me dá mais jeito, fazer o pagamento no «Espelho da Moda». «Agradecia, logo que possível, o envio do Jornal para

todos eles, porque os que saíram agora, e como já não vêm a tempo, eu farei a oferta a cada um, do último número.

«Perdoai-me o tempo que vos roubei. E, com um grande abraço de amizade, vos digo adeus até à próxima. Assinante n.º 21591.»

Não há dúvida, o «Famoso» — para quantos sabem ler — é o nosso Jornal. Nosso, vosso, sim senhor. Bendito acto de posse! Sacramentado.

● VIVO DO MEU TRABALHO

Já que estamos no meio de gente de trabalho, que sua oito e mais horas para ganhar o pão de cada dia, aí vai um postal de Setúbal que bem gostaríamos fôsse reproduzido em zinco-gravura, se houvesse tempo — para não lhe tirar o sabor. Aqui está:

«Quero ser assinante do Jornal Gaiato. Ou semestre ou trimestre. Sou operário não posso muito. Mas o que tiver ao meu alcance será feito. Sou pedreiro, tenho filhos, vivo do meu trabalho. Mas gosto desse Jornal. Quero velo. Com esta são duas vezes que o compro. Se me

saisse o Totobola taparia aí um boraquinho. Com isto passo o que hei-de fazer para ser assinante do Jornal. Manuel.»

● ESTUDANTES

Outra presença. É de um concelho vizinho:

«Cumpro o doloroso dever de participar o falecimento do vosso assinante e amigo José... Rezem uma oração para que Deus o tenha no Céu.

«Mas, no entanto, peço para continuarem a mandar o Jornal «O Gaiato», porque eu gosto muito dele. Se quiserem mudar para o meu nome podem; senão deixem ficar assim, porque eu recebo-o à mesma. Envio a lista de assinaturas.

«Lamento serem apenas duas assinantes, uma de 15 anos e outra de 19, ambas estudantes, mas a minha vontade seriam muitas mais. Segue em vale de correio a quantia de cem escudos para pagamento do Jornal. São cinquenta meus e cinquenta de E...»

Se não repararam, reparem na herança: «Cumpro... participar o falecimento do ... Mas, no entanto, peço para continuarem a mandar o Jornal porque eu gosto muito dele...» Ao longo da sua vida o «Famoso» já tem passado de pais a filhos. Tem. Mas há herdeiros que não lêem pela mesma cartilha. É natural. O que seria justo e razoável transmitir uma palavrinha. Ou sim ou sopas. Aqui a razão de ser de tantas fichas em branco desde há 5, 10, 15 e 20 anos...!

● TRABALHO FRUTUOSO

Passa-me, agora, pela mão, uma pesada lista de Lisboa,

Júlio Mendes

com 17 novos leitores. Trabalho frutuoso de velha Amiga da Rua Moçambique.

E já que falamos em delas recheadas, adoçamos a boca com outra da Mealhada. Mais 12 assinantes. Temos fogo na Mealhada!

● ULTRAMAR EM FOCO

Vamos fazer uma paragem. Quando não «O Gaiato» fica por nossa conta!

Resta-nos informar que, do Ultramar, Luanda, Henrique de Carvalho, Quibaxe, Malanje e Salazar marcaram em cheio. Na outra costa, Lourenço Marques e Nacala ainda não entraram também no cacimbo! E os vizinhos da África do Sul, mais precisamente de Joanesburgo, continuam a dar muito boas notícias. E é bom que assim seja. A nossa Casa de Lourenço Marques há-de ser fruto de um dar de mão dos portugueses naquela região.

● DO MINHO AO ALGARVE

Cá pela Metrópole é fogueira de norte a sul! Registámos gente fresca da Covilhã, S. João da Madeira, Mem Martins, Pampilhosa, Luso, Vermoil (Gare), Espinho, Seia, Santo Tirso, Braga, Podence (Macedo de Cavaleiros), Lara (Monção), Gulpilharinhos, Condeixa, Mogofores, Brandoa (Amadora), Vilar do Paraíso, Campelos (Oeste), Recardães (Águeda), Torres Novas, Moura, Faro, Felgueiras (Moncorvo), Gaia, Senhora da Hora, Rossas (Bragança), Setúbal, Guimarães, Caneças, Miramar, Reboleira (Amadora), Olival (Gaia), Aveiro, Barcos (Tabuaço), Paço de Arcos, Murto, Fundão, Coimbra, Queluz, Leiria, Ovar, Amarante, Azeitão, Cova da Iria, Oeiras, Valado de Frades, Elvas (A minha terra, com uma lista pesada), Lisboa, Porto, etc..

E vamos a caminho dos 2.000!



A estas horas cá em casa, já quase todos dormem. Menos os que têm obrigações de limpeza da loiça da refeição da noite, esses ainda não. Na copa, de mistura, barulho dos pratos e das tijelas que, se não fossem de material inquebrável, só uma fábrica nos poderia valer. Na ausência do chefe maloral, o Zé Luís, que está na secção preparatória ao Instituto Comercial, vai deitando os olhos pelo serviço, não vá acontecer que fique a loiça mal lavada e haja sarilhos. Não há criados a servir «os meninos» e a fazer-lhes o trabalho. São eles. Os mais velhos vão acompanhando os mais novos.

Ainda esta tarde, já quase no fim, ao entrar no largo em frente da Casa-Mãe, deparei com este quadro. Estavam todos reunidos. Havia grande algazarra. Pensei que tivesse havido qualquer complicação. Aproximei-me. Fizera-me sinal para não avançar, de braços erguidos. Arrumei a carrinha a um canto e fui ver o que se passava. O Américo, já pai de filhos, de apito ao pescoço, rodeado por um grupo de todas as idades, alguns já com a barba a despontar. Cada um com o seu

arco, bem alinhados, preparava-se para a partida. Era uma corrida de arcos, no fim do trabalho! E tão a sério que o trânsito pelas ruas da Aldeia foi interrompido. Nem eu pude passar, apesar de ser quem sou! Não sei se nas vossas Casas é assim. Não sei se os irmãos mais velhos gostam de ajudar os mais novos; conviver com eles, ajudando-os a ocupar os tempos livres. Foi um quadro que me consolou.

x x x

Estou debaixo do telheiro do embalamento da banana. A chuva cai certinha. Chuva fecundante. Enlameia os caminhos da Aldeia mas faz bem à terra. É certeza de mais pão. Ao lado, um grupo de rapazes, cantarolando, trabalho ao ritmo da máquina de agrafar cartões manejada pelas mãos habilidosas do Adão, que anda na 4.ª classe. Os cartões levam a banana que nos dá o pão de cada dia. Penso na chuva a bater de mansinho na chapa do telhado. Penso naquele grupo de rapazes e no trabalho que fazem, a merecer o pão que daí a pouco tempo vão comer

sentados à mesa. Penso nos que nada fazem por esse mundo além, para merecer o pão que comem porque não têm quem os ajude. Penso nos que não têm pão para comer porque o pão deles lhes é tirado pelos que esbanjam o que têm a mais; e pelos que não são capazes de uma renúncia.

x r x

São férias. As escolas fecharam as portas. Da sala donde escrevo vejo outro quadro. A primeira Casa de habitação, que vai receber 60 rapazes, saiu da terra e sobe, sobe que é regalo para nossos olhos. Enquanto teus filhos se deliciam com os banhos da praia ou os ares das terras altas, estes filhos vão construindo a sua casa. Vejo-os a carregar tijolos; a chegar massa para os pedreiros. Quem se admira que se prendam àquilo que é deles?!

x x x

Passamos, conforme prometido, pelo escritório daquele Senhor Amigo a buscar o dinheiro para o nosso pão de cada mês. De Lisboa, a lembrança do costume, 500\$00; de um Casal cristão, 1.500\$00; mais 200\$00, de quem nos pede guardemos segredo; outros 200\$00; mais 350\$00; do Zaire vieram 500\$00; novamente 200\$00, para ajuda da construção da nossa Casa; 600\$00, de Silva Porto; 20\$00 mensais; mais 100\$00; De Nova Lisboa, 2.500\$00.

Padre Manuel António



Em nossa Casa todos comem o pão com o suor do seu rosto. Até os Batatinhas. Aqui estão eles. E as padiolas.



OBRA DE RAPAZES PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Aqui Lisboa

No local em que escrevemos não temos à mão números exactos sobre as casas económicas e de renda limitada construídas em Lisboa nos últimos vinte anos. Podemos afirmar, no entanto, sem receio de errar, que o volume destes tipos de construção foi reduzidíssimo em relação às necessidades. A especulação realizada na venda dos terrenos, aspecto em que a Câmara tem largas responsabilidades, muito contribuiu para o facto. Não esqueçamos, por outro lado, algumas negociações feitas sem qualquer espécie de escrúpulo quando se tratava e trata de arrendar qualquer habitação de renda limitada e as verbas exigidas ou as indemnizações pedidas às claras. As excepções só poderão confirmar a regra e quem algum dia pensou em arranjar casas desta

categoria conhece em toda a sua extensão a verdade do que afirmamos.

As considerações anteriormente feitas vêm a propósito da necessidade de não só edificar habitações para os desalojados das barracas, mas também levantar em larga escala residências para as chamadas classes pobres e médias, quer económicas quer de renda limitada. As rendas normalmente pagas estão, na sua maioria, muito acima das proporções aconselháveis entre o que se destina a habitação e aquilo que se refere ao fim do mês. Daí a necessidade da sublocação, do recurso a partes de casa, etc., com consequências terríveis na vida familiar, que quase se extingue. Quem escreve estas linhas teve ocasião de ver com os seus próprios olhos situações concretas de dois, três e mais agregados familiares vivendo debaixo do mesmo tecto.

Se o problema das barracas choca a nossa sensibilidade e arrasta a sérias consequências sociais e morais, as questões postas pelos milhares de pessoas que vivem em partes de casa, embora à primeira vista menos impressionáveis, não deixam de ser tão graves como aquelas. No instante em que se declara guerra às barracas, gostaríamos também de afirmar a nossa repulsa pelas circunstâncias infra-humanas em que vivem milhares de pessoas, embora em prédios de cal ou cimento, às vezes bem bonitos por fora, mas albergando situações de profunda miséria e de mais repelente promiscuidade. O lema deverá ser: uma casa para cada família.

Padre Luís

O controle do mercado dos terrenos, tendo à frente o exemplo sempre norteador e moralizante de Estado e das Câmaras; o incitamento à construção de casas de renda limitada, com o concomitante refreio da acção dos especuladores e oportunistas, por adequada legislação; a aplicação em larga escala dos capitais da Previdência e da Organização Corporativa na construção de residências económicas para os seus beneficiários ou servidores; a edificação por parte do Estado, das Autarquias locais e das Empresas Públicas e Privadas de blocos habitacionais para os seus serventários, são medidas imprescindíveis se queremos de verdade o progresso e o bem estar sociais. A saúde física e moral dum Povo não se compadece com meras visões contabilísticas ou frias taxas de juros; ela constitui a sua maior riqueza e justifica, por isso, parcos gastos sumptuários e dividendos mais comedidos, como aprova saldos e reservas menos volumosos.



SR. DANIEL A TOCAR CAIXA.
É FESTA NO CALVÁRIO!

DOCTRINA

cont. da PRIMEIRA página

afirmação: e também suicida.

O homem que não ama vai-se matando enquanto asfixia o próximo por falta do oxigénio do seu amor. Na ilusão de que todo lhe é necessário, fechado sobre si mesmo, envenena-o, envenena-se.

O imobilismo só é possível ao homem instalado. Uma pulga basta para nos agitar. O que não fará fundamental carência vinda de dentro de nós! Num mundo em que a Justiça mora pouco, só por inconsciência ou por egoísmo se pode satisfazer alguém na ordem estabelecida, aqueles que no seu bem-estar conseguem esquecer o sofrimento de multidões. Para estes compreende-se o temor de mudar e o estorvo que levantam a toda a procura de melhores caminhos. Daí que julguem e lancem suspeitas e mesmo condenação sobre todas as tentativas que, não isentas de risco, demandam a Justiça, único aliado da Paz.

Mas o achamento do Paraíso Terreal é miragem em que outros parecem acreditar e que

rem por qualquer meio impor, mesmo que pelo preço da destruição de valores perenes sem substituição.

«O Humilde é o homem que se deixa ultrapassar» — assim definiu Pai Américo. Não pára, mas não se lhe dá que outros passem à frente em suas diligências de um Mundo melhor. Mais preso à essência do que aos acidentes, ele vai, vai sempre sem perder tempo a julgar, preferindo, por princípio, acreditar nos homens, no fundo de bondade que há em cada um, mesmo nos piores, e na sinceridade das suas intenções. E vai amando, hoje, como ontem e amanhã, no diálogo vital da inspiração-expiração, da sístole-diástole, recebendo e dando o amor que Deus lhe dá pelos irmãos e para eles. O Humilde não destroi para construir; aproveita tudo o que há de bom (como os Pobres que cortam a metade podre da maçã e comem o resto) e constroi sempre, devagar, talvez, mas sempre.

Ah! que falta faz no mundo a Humildade!

LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

Aniversário. — Desde as últimas notícias aqui fornecidas aos nossos leitores, até ao momento presente, deram-se alguns factos que merecem uma referência especial. Vem em primeiro lugar o aniversário da abertura do Lar. Entrámos já no 5.º ano de actividades e os rapazes fizeram questão de haver festa. O tempo não vai azado para festas e não se pode ir além do pão de cada dia, com bom aproveitamento de todas as migalhas, porque o fim do mês traz sempre dores de cabeça. Pareceu-nos que a data era mais oportuna para fazer um balanço ao rendimento que os rapazes tiram da Obra e à colaboração dos nossos leitores. Deixemos ficar esta e falemos do primeiro. Encontramos certa dificuldade mas há sempre uns números que dizem alguma coisa. As conclusões são diferentes e dependem da maior ou menor exigência dos que nos observam.

Além dos que actualmente se encontram no Lar, já passaram por ali 32 rapazes. De alguns nunca mais tivemos notícias. Onde estará o Alvaro Lisboa? e o Trindade da Pena-joia? e o Cardoso de Vila Seca? Que será feito do Xavier, do Zé Marques, do Zé Manuel, de Medelo e de tantos outros? Quantas vezes me lembro do Jacinto e do António Luís de Samodães!!! Onde estarão?

Há tempos vieram notícias do Celso que agora se encontra na África; o Daniel parece que está no Porto. Encontrámos muitas vezes o Alcino que pelas suas boas maneiras se mostra sempre agradecido. Sabemos ainda que 10 estão a trabalhar na arte que escolheram. «Um só que fosse tinha valido a pena» o esforço de 4 anos.

Os rapazes são de famílias humildes, mas com vontade de os educar, embora sem possibilidades para isso. Nós aqui sómente lhes proporcionamos a ocasião de aprenderem o ofício para que têm vocação e que na terra de cada um não era possível. É o que vulgarmente se chama dar a mão a quem deseja ser alguém.

Parece-nos que a percentagem de aproveitamento é bastante elevada. Além dos conhecimentos que vão adquirindo nas oficinas, levam também novos hábitos de trabalho. O regulamento da casa é uma escola. São eles que limpam, servem à mesa, olham pelos companheiros quando adoecem; fazem compras, fazem pagamentos nas casas fornecedoras; vão ao Banco depositar, ou levantar as migalhinhas que nos dão; ou cuidam desses assuntos, se alguém que vive fora da cidade nos pede esse favor.

Há por vezes certos desfalques que a nosso ver são oca-

sões de ensinar e corrigir. Estas lições não são que ficam mais dispendiosas. A troca de ligeiros escudos que se dizem perdidos, ou que não sei como isto foi, ou que o senhor se enganou no dinheiro que me deu, há uma oportunidade de falar na honradez e seriedade indispensável a todo o homem; no cuidado e atenção que se deve pôr em todas as nossas acções.

Casos difíceis, fruto talvez de taras familiares, só encontrámos dois ou três. Ao lado de atitudes más, resultado certamente mais de pouca idade do que da maldade do coração, encontrámos com frequência em todos a virtude da disponibilidade. Desde que seja compatível com os horários das oficinas, raramente mostramos má vontade quando se lhes pede qualquer trabalho.

Aqui ficam estes apontamentos que os nossos leitores apreciarão, pelo menos aqueles que nos amam e nos têm ajudado com os seus donativos a manter aberta a porta do Lar de S. Domingos.

Para o próximo número faremos da vinda dos Gaiatos de Paço de Sousa, ao Teatro Ribeiro da Conceição.

Padre Duarte

Visado pela
Comissão de Censura



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE